

## Mundo das Aves

# As Saíras

As Saíras estão entre os componentes mais conhecidos e chamativos das regiões tropicais da América do Sul e Central. Vivem nas copas das árvores, são essencialmente frugívoras e formam bandos numerosos. Formam também um gênero muito diversificado nos trópicos, com mais de 40 espécies que podem ser encontradas nos principais biomas do continente

Francisco Guimarães



Apesar das cores chamativas, as Saíras não têm medo de pousar em galhos secos e expostos em árvores altas, como faz esta Sete-Cores (*Tangara seledon*)

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

Se em dúvida nenhuma as Saíras estão entre as aves mais coloridas e chamativas das Américas. Todas as espécies possuem pequeno porte (entre 12 e 18 cm de comprimento total) e habitam principalmente as copas das árvores, em praticamente todos os biomas brasileiros. Pertencem ao gênero *Tangara* que, com mais de 50 espécies, é o maior de toda a região neotropical. Recentemente, esse gênero ficou ainda maior com a inclusão dos Sanhaços, anteriormente colocados no gênero *Thraupis*. Mas a mudança ainda não é amplamente aceita. Por isso, neste ensaio vamos considerar que o gênero *Tangara* contém apenas as Saíras, como tradicionalmente reconhecido.

### Saíra não é Sai

O nome “Saíra” só é utilizado no Brasil e vem do tupi, significando “semelhante ao Sai”.

Os Sais, por sua vez, são pequenas aves que se alimentam principalmente de néctar, têm bico ligeiramente curvado, e seus machos se caracterizam por prevalecer neles geralmente a cor azul. É o que ocorre com o muito comum Sai-Azul (*Dacnis cayana*), que pode ser encontrado nos jardins das casas, até mesmo em cidades grandes.

### Colorido brilhante

Facilmente reconhecíveis por apresentarem a plumagem brilhantemente colorida e contrastante, as Saíras chamam muito a atenção. Formam bandos barulhentos que podem ser compostos apenas por uma espécie, congregando outras Saíras e até reunir aves de diversas ordens e famílias, que não raro ultrapassam as 100 aves (veja a Cães & Cia 380, sobre bandos mistos). Paradoxalmente, apesar de terem a plumagem tão chamativa, essas aves não são especialmente vulneráveis a predadores como gaviões e falcões. Em

geral, não têm qualquer medo de pousar em galhos secos e expostos em árvores altas, o que fazem com frequência.

### Presença em florestas

As Saíras podem ser vistas em todos os principais biomas brasileiros, mas sempre nas porções de floresta, onde procuram por frutos pequenos e insetos, base da sua dieta. O bioma Amazônia abriga a maior parte da diversidade de Saíras brasileiras, com aproximadamente 15 espécies, sendo seguido pelo bioma Mata Atlântica, onde já foram registradas onze espécies. Esses números são interessantes porque o bioma Amazônia é muitas vezes mais extenso que o Mata Atlântica, mas a diversidade de espécies nesses dois biomas é muito semelhante. O fato despertou a atenção dos cientistas, os quais acreditam que a complexa história da formação da Mata

Atlântica tenha influenciado na diversificação das Saíras. Serras altas, como a do Mar ou da Mantiqueira, separadas por grandes vales ou áreas de baixada, podem ter abrigado populações de Saíras, que ficaram isoladas por milhares de anos, possibilitando a evolução de novas espécies.

Várias espécies de Saíras na Mata Atlântica, como a Saíra-Douradinha (*Tangara cyanoventris*), habitam áreas mais altas na Mata Atlântica, enquanto outras, como a Cambada-de-Chaves (*Tangara brasiliensis*), vivem apenas em regiões de baixadas mais quentes. Outros eventos, como a natural fragmentação da Mata Atlântica durante as oscilações climáticas, podem ter proporcionado condições para que o Pintor-Verdadeiro (*Tangara fastuosa*) tenha se diferenciado da Saíra-Sete-Cores (*Tangara seledon*), ambas endêmicas da Mata Atlântica. Outras espécies, como a Saíra-Sapucaia (*Tangara peruviana*) e a Saíra-Preciosa (*Tangara preciosa*), são também conhecidas por realizarem migrações altitudinais (veja a Cães & Cia 382, sobre migrações).



Saira-Amarela: só o macho (esq.) tem a faixa negra no peito



Mariza Sanchez

## Pais participativos

Apesar de passarem a maior parte do ano em bandos numerosos, no período reprodutivo, geralmente no segundo semestre, as Saíras se separam em casais para a reprodução. O dimorfismo sexual de plumagem ocorre em apenas

algumas espécies, como a Saíra-Amarela (*Tangara cayana*), cujos machos se distinguem das fêmeas por apresentarem, nas populações do centro-sul do Brasil, uma evidente faixa negra que vai do peito até o baixo abdômen. Os machos ajudam na construção do ninho e na

criação dos filhotes, e a ninhada pode chegar a quatro aves. O ninho é uma cestinha simples, e os casais defendem vigorosamente os seus territórios contra outros indivíduos da mesma espécie. Os filhotes permanecem nos ninhos por cerca de 15 dias e são facilmente identificados, pois possuem plumagem mais opaca e menos colorida que a dos pais.



Cambada-de-Chaves (*Tangara brasiliensis*)



Sete-Cores-da-Amazônia (*Tangara chilensis*)



Saira-Douradinha (*Tangara cyanoventris*)



Pintor-Verdadeiro (*Tangara fastuosa*)




Saira-Preciosa (*Tangara preciosa*)



Saira-Sapucaia (*Tangara peruviana*)

## Alvo do tráfico

Como são aves de pequeno porte, de plumagem extremamente bonita e que se alimentam de frutos, as Saíras se tornaram logo alvo dos traficantes e comerciantes ilegais de animais silvestres. Centenas de milhares dessas aves foram retiradas da Natureza durante décadas e, como ainda não se conheciam bem as técnicas de manejo em cativeiro, grande parte (se não quase todas) morreu em pouco tempo. A enorme pressão exercida pelos traficantes e a rápida destruição dos nossos biomas já levaram algumas espécies, como o Pintor-Verdadeiro, à beira da extinção. Apenas muito recentemente foram desenvolvidas novas rações e técnicas para manter as Saíras em cativeiro, e várias espécies já são reproduzidas fora do ambiente natural. Os estoques em cativeiro, se corretamente manejados, podem ajudar a diminuir a pressão sobre as populações nativas. Podem, ainda, servir como uma população de segurança para auxiliar em projetos de reintrodução nas áreas onde uma determinada espécie já foi extinta ou está com a viabilidade comprometida a longo prazo por possuir apenas poucos indivíduos remanescentes. 

Luis Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados.